

Mitômetro: a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

The Myth-o-meter: creating a fact-checking method in a learning environment

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



LAURA STORCH¹

LUCAS DURR MISSAU²

SABRINA CÁCERES³

LUAN MORAES ROMERO⁴

RESUMO

O artigo descreve a construção do *Mitômetro*, um método de checagem de dados desenvolvido pela equipe do Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEJ) para ser usado como ferramenta de ensino. Esse instrumento foi elaborado a partir do mapeamento, seleção e análise de outros métodos latino-americanos de *fact-checking*. A análise compara os métodos de checagem de dados utilizados pelas agências *Lupa* (Brasil), *Aos Fatos* (Brasil), *Pública* (Brasil) e *Chequeado* (Argentina). A partir disso, identificamos similitudes e diferenças entre os métodos a fim de estabelecer parâmetros para a elaboração de uma ferramenta que auxilie no ensino dessa técnica no jornalismo. O texto também faz uma discussão sobre as contribuições do *fact-checking* no exercício de apuração na prática jornalística cotidiana, especialmente no jornalismo experimental em ambiente de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Fact-checking. Ensino. Experimentação.

ABSTRACT

The article describes the elaboration of the Myth-o-meter, a fact-checking method developed by the team of the Laboratory of Experimentation in Journalism to be used as a teaching tool. This instrument was developed from mapping, selecting and analyzing other Latin-American methods of fact-checking. The analysis compares methods of fact-checking used by *Lupa* (Brazil), *Aos Fatos* (Brazil), *Pública* (Brazil) and *Chequeado* (Argentina). From this, we identify similarities and differences between the methods in order to establish parameters for the elaboration of a tool that assists in the teaching of this technique in journalism. The text also discusses the contributions of the fact-checking in the exercise of verification in daily journalistic practice, especially in a learning environment of experimental journalism.

KEYWORDS

Journalism. Fact-checking. Education. Experimentation.

Recebido em: 10/03/2018. Aceito em: 11/06/2018.

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: lstorch@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2030145751550956>.

² Doutorando em Comunicação pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UFSM. Servidor técnico-administrativo da UFSM. E-mail: lucas.durr@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6310041149833315>.

³ Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: sabrinarcaceres@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0763925720889594>.

⁴ Acadêmico do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: luan1648@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9610460160161258>.

Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

1 INTRODUÇÃO⁵

O campo do Jornalismo vivencia transformações relevantes, especialmente nas últimas décadas, quando muitas de suas práticas são tensionadas por profundas mudanças tecnológicas, organizacionais e sociais. Pereira e Adghirni (2008, p. 39) definem este como um momento de “mudanças estruturais”, que “incluem novas formas de produção da notícia, processos de convergência digital e a crise da empresa jornalística enquanto modelo de negócios.” O desenvolvimento da internet pode ser mapeado como um marco importante desse processo de desestabilização profissional porque altera as rotinas produtivas das redações, implica na ampliação de lugares de fala – para fontes e para leitores –, altera as dinâmicas de circulação de notícias e, de forma mais específica, oferece possibilidades de inovação (na produção e narração de notícias) nem sempre facilmente assimiláveis pelas redações.

A partir dessas ocorrências apareceram modelos de checagem de fatos, ou *fact-checking*, que priorizam a precisão da informação. As primeiras iniciativas de *fact-checking* apareceram ainda no início do século XIX. Graves (2016, p. 7) relata que, já nas décadas de 1920 e 1930, profissionais de checagem de dados eram contratados pelas redações de jornais e desempenhavam funções de auxílio ao trabalho dos repórteres no intuito de garantir a veracidade das informações. No entanto, nessa época, as checagens tinham como fim a verificação das informações redigidas pelo repórter antes de que a publicação fosse impressa. Ou seja, a verificação era interna e focada no repórter.

Recentemente, a prática profissional de checagem se distingue por investigar discursos com informações que já são públicas e por transformar o resultado da verificação em uma nova notícia (GRAVES, 2016, p. 8). Dessa maneira, o foco das checagens é externo à redação, priorizando o discurso público. Outra constatação importante é que as iniciativas de verificação têm se tornado permanentes, especializadas e, em grande parte dos casos, apresentam-se como novos modelos de produção, circulação e consumo das notícias.

⁵ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na sétima edição do Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em novembro de 2017.

Segundo a base de dados do *Duke Reporters' Lab*, encontram-se ativas 128 iniciativas de *fact-checking*, em 49 países no mundo. Em 2016, a mesma base de dados indicou 105 iniciativas ativas distribuídas em 47 países. As informações do *Duke Reporters' Lab* apontam para um aumento anual de novas iniciativas de checagem de dados entre 19% e 20%, nos últimos três anos. Na América Latina, estão ativas treze iniciativas de *fact-checking*. Entre as quais, destacam-se pelo pioneirismo: *Chequeado*, na Argentina, e a *Agência Lupa*, no Brasil.

O conceito de *fact-checking* designa uma forma de jornalismo de prestação de contas, muito ligado ao discurso político. Quando dedicados à política, os veículos que usam o *fact-checking* se dedicam a confrontar dados fornecidos por integrantes da elite do poder público e que já repercutiram na mídia. Além disso, se destinam a verificar as promessas feitas durante as campanhas, numa tentativa de mostrar transparência e de valorizar a verdade (DOURADO, 2016).

Como bem sintetiza o autor Neisser (2015), o *fact-checking*

[...] tem por finalidade aumentar o conhecimento disponível, emitindo relatórios mediante a pesquisa de alegados fatos contidos em declarações publicadas ou gravadas feitas por políticos ou quaisquer outras pessoas cujas palavras tenham impacto na vida de outros. O objetivo do *fact-checking* deve ser o de fornecer informação clara e rigorosamente controlada aos consumidores, para que eles possam usar os fatos de modo a fazer escolhas plenamente conscientes no ato de votar ou em outras decisões essenciais. (NEISSER, 2015, p. 191).

A partir desse conceito traremos ao presente artigo um debate sobre as contribuições do *fact-checking* tanto para a prática jornalística quanto para o ensino do Jornalismo, e traremos ainda parte de nossas experiências no ensino de graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria – no estado do Rio Grande do Sul. Mostraremos qual caminho percorremos para chegar ao modelo que desenvolvemos, através do mapeamento de iniciativas de *fact-checking*, da seleção de agências e da análise dos métodos, até chegar a como construímos uma ferramenta de ensino que estimula a prática de checagem de dados e que potencializa a experiência de aprendizagem dos alunos.

2 JORNALISMO EXPERIMENTAL EM AMBIENTE DE APRENDIZADO E A CONTRIBUIÇÃO DO FACT-CHECKING NO EXERCÍCIO DE APURAÇÃO

As condições de produção de notícias em multiplataformas e multimídia geram um impacto significativo no campo jornalístico, porque a busca por modelos de produção e modelos narrativos acontece em simultâneo com as experimentações técnicas (de códigos, plataformas e recursos) e sociais (de sociabilidade) da internet pelo coletivo. É nesse sentido que compreendemos que a extensão da crise jornalística tem salientado um distanciamento, já comumente apontado por profissionais e pesquisadores, entre teoria e prática profissional.

Essa constatação se fortalece quando observamos os contextos formais de inovação neste campo. Franciscato (2010; 2014) aponta que os processos de inovação no jornalismo precisam articular, concomitantemente, diferentes atores sociais. Em uma primeira aproximação encontramos os atores sociais tradicionais: o jornalista, as organizações jornalísticas, as fontes de informação e as audiências. Mas em um segundo estágio do pensamento sobre inovação passam a figurar como relevantes outros atores, como as universidades e institutos de pesquisa acadêmica, conglomerados empresariais e usuários comuns – que sustentam experimentações com sistemas, algoritmos, produção e circulação de conteúdos.

Embora, de forma esquemática, as duas compreensões expostas [...] pareçam, em boa parte, convergentes, há uma grande dificuldade, por parte dos principais atores controladores dos processos jornalísticos (os proprietários das principais empresas de comunicação do País), em articular os atores dos setores produtivos do jornalismo. Essa falta de dinamismo no desenvolvimento de ações convergentes e articuladas enfraquece drasticamente o potencial de vocação inovadora. (FRANCISCATO, 2014, p. 1335).

Para o autor, essa dificuldade está também associada a uma fragilidade do campo acadêmico, visto que “O conceito de inovação não tem sido objeto de estudo no campo [...] da comunicação nem nos estudos em jornalismo, com poucas exceções.” (FRANCISCATO, 2014, p. 1336). As soluções estariam

centradas em uma dupla dinâmica: a) na construção de estratégias de diálogo entre academia e setor produtivo – visando “construir uma linguagem e uma terminologia afins entre os atores e, no caso da academia, incorporar e manusear termos e definições do campo das Ciências Sociais Aplicadas” (FRANCISCATO, 2014, p. 1336) –; e b) no reconhecimento de processos de inovação como construções coletivas e dialógicas – reconhecendo a emergência de uma “multiplicidade de novas práticas e comunidades virtuais” (FRANCISCATO, 2014, p. 1337), que indicam “formas de criação tanto tecnológicas quanto inovações sociais, desafiando rotinas e papéis sociais já definidos ao jornalismo com implicações diretas nos processos de inovação.” (FRANCISCATO, 2014, p. 1337).

O cenário até aqui indicado implica, ademais, nos processos de formação acadêmica. Os modelos pedagógicos associados aos projetos curriculares precisam, a partir deste reconhecimento, avançar para a consolidação de estratégias pedagógicas que estimulem o aprendizado do estudante para a autonomia e para a inovação. Como fomentar nos futuros jornalistas as competências para uma produção noticiosa socialmente comprometida (a partir dos valores deontológicos da profissão), estimulando-os, ao mesmo tempo, para a inovação no campo profissional? O desafio a que nos propomos está em vincular os conhecimentos teóricos acumulados ao longo da tradição de pesquisa em Jornalismo com a necessidade de inovação nas práticas profissionais.

Nos filiamos, nesse sentido, a perspectiva construcionista do conhecimento, de matriz piagetiana (GARCÍA, 2002; BECKER, 2012). Conforme nos explica Becker (2012, p. 33), Piaget situa a aprendizagem humana no prolongamento do processo de desenvolvimento. “Se no plano do desenvolvimento não forem construídas estruturas capazes de assimilação de conteúdos, progressivamente complexos, a aprendizagem estagna; não consegue avançar.” Aprender a aprender fundamenta essa perspectiva, onde o professor cumpre a função de “inventar situações experimentais para facilitar a invenção de seu aluno.” (PIAGET, 1975, p. 89 apud BECKER, 2012, p. 34).

A demanda por inovação no jornalismo implica também o estímulo a competências de inovação entre os estudantes, de modo que não apenas

Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

cumpram de forma mais consistente as funções a que estarão submetidos nos contextos profissionais futuros, mas que possam atuar como inovadores – conscientes dos processos que estiverem propondo. No contexto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, um projeto particular busca estimular as vivências para experimentação na construção dos conhecimentos teórico-práticos pelos acadêmicos. O Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEx) tem investido na elaboração de um espaço de construção de conhecimentos baseados na experimentação: através de projetos de pesquisa aplicada e experimentação, os estudantes desenvolvem tanto o reconhecimento dos valores fundamentais associados à formação acadêmica em Jornalismo quanto são estimulados a propor estratégias de inovação, nos processos ou narrativas.

O presente texto parte de uma dessas experiências para fundamentar a aplicação das estratégias construcionistas no ensino de graduação em Jornalismo. A checagem de dados ou o *fact-checking* serviu, em nosso projeto pedagógico, para a construção de uma situação experimental (BECKER, 2012) – uma estratégia para a construção de conhecimentos sobre apuração noticiosa pelos próprios estudantes. Apesar do apelo de novidade, a checagem de dados tem como fundamento central técnicas de apuração jornalística – remodeladas pela apuração no paradigma do Jornalismo Digital em Bases de Dados (JDBD) (BARBOS; TORRES, 2013) e por uma estratégia narrativa que se estrutura a partir da própria apuração, aproximando-se muito das prerrogativas teóricas do *gatewatcher* (BRUNS, 2005; SHOEMAKER; VOS, 2011). O fenômeno da checagem serve, portanto, como uma importante ponte de discussão teórico-prática, que fundamenta o ensino de técnicas de apuração em um contexto coletivo. Partindo de formulações muito objetivas – no caso do *Mitômetro*, do senso comum sobre conhecimento científico – as estratégias de resolução da checagem permitem ao acadêmico se expor às condicionantes da apuração, como a verificação de fatos, a confiabilidade das fontes, diferenças conceituais de um mesmo argumento, entre outros.

3 A CONSTRUÇÃO DE UM MÉTODO DE FACT-CHECKING NO CONTEXTO LABORATORIAL

Elaboramos uma ferramenta de ensino que emula a prática profissional de checagem de dados, ao mesmo tempo em que potencializa a experiência de aprendizagem dos alunos nas atividades do Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEJ). Para isso, primeiramente, mapeamos as iniciativas de *fact-checking* em âmbito nacional e internacional. Posteriormente, selecionamos as agências latino-americanas, por um critério de proximidade, e passamos a uma análise dos métodos empregados por cada uma delas na checagem. A partir dessa análise, comparamos os métodos em busca de similitudes e diferenças a fim de estabelecer parâmetros para a construção da ferramenta que utilizamos. Focamos as agências que são signatárias do código de princípios de *fact-checking* elaborado pela Rede Internacional de *Fact-checking*. Assim, as agências são: *Agência Lupa* (Brasil), *Aos Fatos* (Brasil), *Agência Pública* (Brasil) e *Chequeado* (Argentina).

Em linhas gerais, o processo de checagem de dados, fatos e discursos se estrutura em cinco etapas: (1) escolha do discurso, (2) busca das fontes, (3) reconstrução do contexto, (4) classificação e (5) representação gráfica. Para que a checagem se concretize, o jornalista deve cumprir todas elas. Cada uma das etapas exige uma atividade específica a ser desempenhada e o manuseio de determinados materiais que servem de embasamento para essas atividades.

O exercício criativo das agências de *fact-checking* na combinação dos elementos pertinentes a cada uma dessas etapas, de acordo com suas estratégias comunicativas, compõe o que elas denominam método de checagem. Entre as agências que selecionamos para analisar, *Chequeado* e *Agência Lupa* apresentam maior variedade temática. A página web de *Chequeado*, por exemplo, está dividida em cinco seções que designam modalidades distintas de checagem, as quais, por sua vez, abarcam desde discursos proferidos por políticos, até enunciados de senso comum que fazem parte da cotidianidade dos leitores. São elas: *Chequeos*, *El Explicador*, *Mitos*, *#Falsoenlasredes* e *Investigaciones*.

Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

O método de *Chequeado* se resume a oito passos: (1) selecionar uma frase do âmbito público; (2) ponderar sua relevância; (3) consultar a fonte original; (4) consultar uma fonte oficial; (5) consultar fontes alternativas; (6) situar em um contexto; (7) confirmar, relativizar ou desmentir a afirmação; e (8) qualificar.

A classificação proposta por *Chequeado* se divide em:

- *Verdadero*: informação correta;
- *Verdadero, pero...*: informação correta, mas cabem reparos e considerações;
- *Apresurado*: não se pode concluir o que foi dito de acordo com as informações disponíveis;
- *Impreciso*: pode ser correto, mas os dados mencionados são imprecisos;
- *Exagerado*: pode ser correto, mas é impreciso, contendo exagero;
- *Engañoso*: discurso enganoso, dito para ludibriar o leitor;
- *Insostenible*: não há dados que possam levar a essa consideração;
- *Falso*: informação incorreta;
- *Falso, pero...*: é incorreto, mas cabem condicionantes.

A *Lupa* também apresenta um material de acordo com diferentes abordagens temáticas. O recorte editorial proposto compreende temas relacionados à saúde, eleições (em distintas cidades do Brasil), esporte, cidades, cultura, economia e país. Em sua página web, foca as checagens em discursos políticos, destinando para as redes sociais a confecção de um material voltado à informação e ao entretenimento. As fontes consultadas são instituições públicas e estudos científicos, os quais são confrontados com o discurso da fonte original, recriando o contexto em que o discurso foi externado ao público. Após as ponderações, o discurso é classificado como:

- Verdadeiro: a informação está correta;
- Verdadeiro, mas: a informação está correta, mas faltam informações complementares para os leitores;
- Ainda é cedo pra dizer: ainda não é possível confirmar a informação;
- Exagerado: o discurso pode ser correto, mas a informação não é precisa, contendo exagero;
- Contraditório: a fonte emite informações que se desmentem;

- Insustentável: não há dados que a comprovem ou sustentem;
- Falso: discurso embasado em informações comprovadamente equivocadas;
- De olho: sugere que merece um monitoramento.

O método de *Aos Fatos* é semelhante ao realizado por *Chequeado* em relação às etapas de checagem e à classificação dos discursos. A temática de *Aos Fatos* está direcionada ao discurso político. Para isso, relaciona um total de sete passos: (1) seleção da declaração pública; (2) análise de sua relevância; (3) consulta junto à fonte original; (4) consulta junto às fontes oficiais; (5) consulta junto às fontes alternativas; (6) contextualização; e (7) classificação. As declarações são classificadas de acordo com seis categorias: verdadeiro, impreciso, exagerado, falso, contraditório ou insustentável.

FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS CLASSIFICAÇÕES DO MÉTODO TRUCO DA AGÊNCIA PÚBLICA



Fonte: Agência Pública.

Por sua vez, o método da *Agência Pública* é o truco (Figura 1), o qual verifica declarações de políticos e personalidades, além de informações em circulação na internet. As etapas de checagem são semelhantes às de *Chequeado* e *Aos Fatos*. As particularidades do truco são a classificação e a representação gráfica que a acompanha na publicação das reportagens. A *Pública* qualifica as informações checadas como: (1) verdadeiras; (2) sem contexto; (3) contraditórias; (4) discutíveis; (5) exageradas; (6) distorcidas; (7)

Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

impossíveis de provar; ou (8) falsas. Cada uma das classificações é acompanhada por uma ilustração que lhe representa.

Para as atividades do Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEx), construímos uma modelagem de verificação que se caracteriza por uma matriz-síntese dos métodos mencionados acima. Essa matriz serve de base para que possamos ir além de exercitar a checagem de dados, trabalhando também de forma inventiva a configuração de novos métodos. Nesse sentido, o caráter experimental das atividades desenvolvidas pelo LEx possibilita que a modelagem de verificação seja adaptada para métodos que sejam compostos por ícones da cultura local, ou ainda por características relativas ao meio em que serão publicados, como é o caso do *Mitômetro* que será relatado no próximo tópico do texto.

A modelagem criada pelo Lex está dividida em cinco etapas: (1) discurso; (2) fontes; (3) contexto; (4) classificação; e (5) representação gráfica. A cada etapa corresponde uma atividade específica e o manuseio de determinados materiais. Na primeira etapa, ocorre a seleção do discurso a ser analisado, que pode surgir de uma variada lista de materiais, como: frases de políticos, programas de partidos políticos e de governo, vídeos publicitários, vídeos e declarações com amplo alcance de público em redes sociais, além de entrevistas de personalidades nos meios de comunicação hegemônicos ou alternativos, frases de senso comum enunciadas em situações do cotidiano, entre tantas outras possibilidades. O filtro que marca a transição para a próxima etapa é a relevância e a viabilidade da declaração ou da informação citada.

A segunda etapa é de contato com as fontes de informação para a coleta de dados. Aqui, especificamos três tipos de fontes. Fontes originárias: pessoa ou material responsável pela emissão da informação a ser verificada; fontes oficiais: instituições governamentais responsáveis por manter uma base de dados atualizada de acordo com suas áreas de competências; fontes alternativas: podem ser organizações não-governamentais, fundações ou instituições de caráter privado que não possuem relações com o governo, mas que desempenhem atividades em determinadas áreas.

A passagem da segunda para a terceira etapa depende dos dados coletados, dos documentos guardados e das respostas dadas pelas fontes de

informação. Esse material servirá de base para a etapa de *Contexto*, que consiste na escritura do texto jornalístico. Somente se a história é contada de maneira clara e concisa, com o apoio de dados e documentos, é possível passar à *Classificação*, quando o repórter deve escolher a categoria na qual se enquadra o discurso.

A última etapa é de desenho e formatação da reportagem em função dos padrões gráficos determinados pela publicação. A *Representação gráfica* escolhida depende da plataforma de publicação e também dos formatos e gêneros. Por exemplo, ela pode ser um post em um blog, um *meme*, um texto em uma página de jornal impresso, entre outras. A modelagem de verificação do LEx nos permitiu elaborar um exercício empírico de experimentação, a partir do método que nomeamos de *Mitômetro*. A seguir, detalhamos a experiência de trabalhar com essa problemática na prática, articulando a experimentação laboratorial e o jornalismo científico em ambiente universitário.

TABELA 1 – MODELAGEM DE VERIFICAÇÃO DO LABORATÓRIO DE EXPERIMENTAÇÃO EM JORNALISMO

Nº	Etapa	Atividades	Materiais
1	Discurso	Seleção de discurso de acordo com a proposta de cobertura do meio	Frases, currículos, programas de partidos, programas de governo, vídeos, entrevistas etc.
	Filtro #1	Relevância e viabilidade	
2	Fontes	Contato com as fontes e coleta de dados	Dados coletados junto a fontes originais, fontes oficiais e fontes alternativas
	Filtro #2	Dados/documentos/respostas	
3	Contexto	Leitura, interpretação dos dados e escritura do texto jornalístico	Texto, tabelas, gráficos etc
	Filtro #3	História e dados	
4	Classificação	Escolha da categoria em que se enquadra o discurso	Verdadeiro; verdadeiro, mas...; falso; impreciso; contraditório; insustentável; etc
	Filtro #4	Plataforma, formato e gênero	
5	Representação gráfica	Escolha ou confecção do desenho, ilustração ou outro recurso gráfico que represente a categoria escolhida	Selo, meme, ilustração, vídeo, animação, GIF etc

Fonte: Os autores.

Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

4 MITÔMETRO: O MÉTODO E O PROCESSO

A *Revista Arco*,⁶ publicação de jornalismo científico e cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), possui uma parceria com o LEx desde 2014. A revista, que tem versão impressa e digital, foi criada para, entre outros objetivos, servir como um meio de divulgação das pesquisas científicas realizadas no meio acadêmico através de uma linguagem simples, o que em alguns casos se faz na busca em traduzir os termos científicos para expressões que possam ser melhor entendidas pelo público em geral.

O cerne da articulação entre a revista e o laboratório se encontra na potencialização de experiências de produção, narração e circulação jornalística considerando a aprendizagem dos alunos. Além disso, o trabalho do LEx se fundamenta na compreensão da interdisciplinaridade como matriz funcional do Jornalismo – a equipe de trabalho conta com estudantes dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Produção Editorial, Relações Públicas, Desenho Industrial e Ciências da Computação –, fator que contribui para enriquecer o ambiente de aprendizagem entre os alunos vinculados ao Jornalismo, especialmente em um momento de convergência profissional como a que Canavilhas et al. (2016, p. 2) definem ao discutir os “tecnoatores” envolvidos nos contextos profissionais de produção jornalística. A busca pela inovação, nesse sentido, vem pautada pelos processos de aprendizado crítico e pela construção da autonomia profissional dos estudantes. Lastreado por uma experiência de publicação continuada, as atividades da parceria *Arco* e LEx também possibilitam que modelos narrativos sejam testados em aplicações práticas, seguindo a proposta editorial da publicação – como é caso do modelo de checagem aqui apresentado.

É nesse contexto que surge a experiência do *Mitômetro*.⁷ Pensado como um método de checagem para a versão digital da *Revista Arco*, o *Mitômetro* tem como estrutura central a modelagem de verificação do LEx, operacionalizado a partir da linha editorial da revista. Como publicação de jornalismo científico e cultural, a opção editorial foi pela checagem de discursos sobre ciência, buscando a verificação de informações vindas de diferentes

⁶ Disponível em: <<http://www.ufsm.br/arco>>.

⁷ Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/arco/sitenovo/?p=1967>>.

contextos sociais e consideradas como 'científicas'. A proposta é desmistificar discursos do senso comum e da cultura pop que permeiam nosso cotidiano. Seguindo a modelagem de verificação do LEx – (1) discurso; (2) fontes; (3) contexto; (4) classificação; e (5) representação gráfica –, concebemos as categorias de classificação de cada discurso verificado como: 1) Comprovado; 2) É possível; 3) Depende; 4) Improvável; 5) Mito. Consideramos que 'Comprovado' é usado quando existe comprovação científica, e 'Mito' quando não há.

A representação gráfica do *Mitômetro* tem como referência visual a relação entre ciência e mito. Na lateral esquerda do gráfico, que representa a categoria 'Comprovado', optamos pela ilustração de uma cientista, vestida com jaleco branco e manipulando itens de um laboratório, como tubo de ensaio e balão volumétrico. No lateral oposta, que indica a categoria 'Mito', optamos pela representação de um mago, caracterizando o conhecimento não científico. No centro do gráfico ficaria registrado a categoria 'Depende', quando a comprovação científica for relativa a determinadas contingências, e, entre as extremidades, são posicionadas as demais categorias.

FIGURA 2 – ILUSTRAÇÃO PARA AS MATÉRIAS DESENVOLVIDAS TENDO COMO MATRIZ O MÉTODO *MITÔMETRO*



Fonte: Os autores.

Para explicar o processo de confecção do *Mitômetro* a partir da modelagem de checagem elaborada pelo LEx, usamos como exemplo uma

Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

matéria produzida para a revista *Arco: O Velociraptor era rápido e inteligente?*⁸ foi produzida no contexto específico de um dossiê sobre pesquisas em Paleontologia na UFSM.

Partindo do método do *Mitômetro*, a seleção dessa como uma questão viável para ser verificada contou com uma apuração inicial com pesquisadores do Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica (CAPP/UFMS), que também foram fontes de outras reportagens da série. Atuando como definidores primários, os pesquisadores auxiliaram na elaboração de questões que pudessem ser comprovadas ou refutadas através de fontes documentais ou oficiais, cumprindo assim as demandas do primeiro filtro do método – ‘relevância e viabilidade’.

A próxima etapa é demarcada pela seleção de ‘fontes’. Nela, realizamos a coleta dos dados: inicialmente, uma entrevista feita com o paleontólogo Sérgio Dias da Silva, coordenador do CAPP, que explicou quais são os vestígios analisados em um fóssil para que se estabeleçam, cientificamente, as indicações de tamanho, inteligência e outras características de um dinossauro. Depois disso, fizemos uma busca por artigos científicos que falassem sobre o Velociraptor e sobre evidências de dinossauros com penas. Entre as principais referências, encontramos os trabalhos publicados na revista *Proceedings B*, o jornal de pesquisas biológicas da Royal Society’s e do jornal *Acta Palaentologica Polonica*.

Com os dados selecionados, passamos para etapa de ‘contexto’, em que o repórter, ao escrever a matéria, levou em consideração o conhecimento obtido na apuração, como também teve cuidado de usar uma linguagem acessível. Além disso, optamos pelo uso de *hiperlinks* ao longo do texto, mostrando quais fontes documentais foram usadas. Dentre os principais elementos de construção da resposta à questão sobre os Velociraptors estão a entrevista com o professor que articulada com os resultados das pesquisas mostram que o animal era rápido e inteligente.

⁸ Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/arco/sitenovo/?p=1409>>.

FIGURA 3 – CAPTURA DE TELA DA MATÉRIA *O VELOCIRAPTOR ERA RÁPIDO E INTELIGENTE?*



Fonte: Os autores.

A última etapa antes de passar a pesquisa para a finalização gráfica foi a 'classificação' da resposta à pergunta inicial. Como salientamos acima, as categorias de classificação do *Mitômetro* são: 1) Comprovado; 2) É possível; 3) Depende; 4) Improvável; 5) Mito. No caso deste exemplo, a opção foi pela categoria 'Comprovado', visto que há pesquisas científicas suficientes para corroborar nossa afirmação.

5 CONCLUSÃO

Os avanços tecnológicos dos últimos anos têm tensionado tanto a prática quanto o ensino em Jornalismo. Se por um lado esse tensionamento


Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

vem impulsionando novas formas de produzir, narrar e fazer a informação circular; por outro, as necessidades de inovação e experimentação sofrem com as pressões de tempo já naturalizadas nas rotinas da prática jornalística e consolidadas na pesquisa da área.

A partir de Franciscato (2010; 2014) refletimos que os processos de inovação e experimentação no jornalismo precisam articular os diferentes atores sociais que são fundamentais nesse sistema. Para a construção dessas inovações é necessária a participação de diferentes agentes do setor produtivo do jornalismo – jornalistas, pesquisadores e audiência – visto que esse é um processo que, segundo Franciscato (2014), se desenvolve coletivamente. A falta de diálogo, quando se trata de alternativas para a prática jornalística, prejudica o resultado da experiência e desacelera os processos de inovação. Para auxiliar nesse processo, a inserção de modelos pedagógicos com vistas a construção da autonomia profissional é fundamental para incentivar o aprendizado do estudante e estimular o pensamento crítico.

84 |

O que nos parece fundamental, nesse sentido, é o estímulo aos estudantes de Jornalismo para que visualizem os contextos editoriais em que determinada inovação é proposta, de modo que sejam capazes de atuar criticamente no estabelecimento de padrões de produção e narração, sem esquecer do compromisso ético fundamental do jornalismo com a qualidade da informação. A prática da checagem de dados serve como uma importante base para a construção didática dessa relação entre teoria e prática, visto que auxilia o aprendizado de técnicas de apuração ao mesmo tempo em que desafia o estudante a uma construção narrativa. O *Mitômetro* segue exatamente esse caminho, servindo de suporte didático para a construção coletiva de conhecimento sobre narrativas jornalísticas. 

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana; TORRES, Vitor. O paradigma 'Jornalismo Digital em Base de Dados': modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. **Galáxia**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 152-164, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a13.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

BECKER, Fernando. **Educação e construção de conhecimento**. Porto Alegre: Penso, 2012.

BRUNS, Axel. **Gatewatching**: collaborative online news production. New York: Peter Lang, 2005.

CANAVILHAS, João et al. Jornalistas e tecnatores: a negociação de culturas profissionais em redações on-line. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 1-19, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24292>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

DOURADO, Tatiana. Fact-checking como possibilidade de accountability do jornalismo sobre o discurso político: as três iniciativas brasileiras. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 40., 2016, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: Anpocs, 2016. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st17-8/10319-fact-checking-como-possibilidade-de-accountability-do-jornalismo-sobre-o-discurso-politico-as-tres-iniciativas-brasileiras/file>> . Acesso em: 10 jul. 2017.

FRANCISCATO, Carlos. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. **Revista GEINTEC**, São Cristóvão, v. 4, n. 4, p. 1329-1339. 2014. Disponível em: <<http://www.revistageintec.net/index.php/revista/article/view/558/466>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

_____. Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, ano 7, n. 1, p. 8-18, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2010v7n1p8/12694>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

GARCÍA, Rolando. **O conhecimento em construção**: das formulações de Jean Piaget à teoria de sistemas complexos. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GRAVES, Lucas. **Deciding what's true**: the rise of political fact-checking in American journalism. Columbia: Columbia Press University, 2016.

HANSEN, Cândida. A construção social da notícia e os definidores primários da "nova classe média" brasileira no jornalismo de revista. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ALCAR, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/a-construcao-social-da-noticia-e-os-definidores-primarios-da-201cnova-classe-media201d-brasileira-no-jornalismo-de-revista/at_download/file>. Acesso em: 16 jul. 2017.

MEDITSCH, Eduardo. Profissão derrotada, ciência não legitimada: é preciso entender a institucionalização do campo jornalístico. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 97-113, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/249/248>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

NEISSER, Fernando Gaspar. Fact-checking e o controle da propaganda eleitoral. **Ballot**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 178-212, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ballot/article/view/22133/15999>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan./jun. 2011. Disponível em:

Mitômetro:

a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19208/12362>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.

STENCEL, Mark. Fact-checking booms as numbers grow by 20 percent. **Duke Reporters' Lab**, 30 jun. 2017. Disponível em <<https://reporterslab.org/category/fact-checking/#article-1652>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

_____. International fact-checking gains ground, Duke census finds. **Duke Reporters' Lab**, 28 fev. 2017. Disponível em <<https://reporterslab.org/international-fact-checking-gains-ground/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

TRÄSEL, Marcelo. Do gatekeeper ao gatewatcher. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 15, p. 1-4, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/4268/4430>>. Acesso em: 21 jul. 2017.